



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Seminário Perspectivas Profissionais na Área
da Saúde para os primeiros formandos em Medicina do ProUni**

Brasília-DF, 30 de junho de 2010

Bem, primeiro, eu quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Cumprimentar o companheiro Fernando Haddad e a sua companheira. Finalmente reconheceste. Porque eu, logo de cara, soube que a ideia do ProUni tinha sido apresentada por você, porque ele me contou. Mas como ele nunca me contou de público, eu não ousei contar, porque eu falei: tem uma disputa entre os dois para ver quem... Então eu fico feliz que finalmente você tenha reconhecido quem apresentou.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Temporão, ministro da Saúde,

Quero cumprimentar o nosso querido Eder Augusto Bernardo. Ô Eder, você não pode fazer as suas consultas em tão pouco tempo quanto você falou. Precisa fazer a consulta com mais entusiasmo. Aqui eu sei que você estava nervoso, você vai ficar nervoso quando pegar o primeiro cliente, principalmente se ele for o Presidente da República. Eu quero te cumprimentar.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, Augusto Chagas, presidente da UNE,

Cumprimentar os nossos queridos meninos e meninas que representam outros estados e outras regiões da Federação, que deveria estar os nomes deles aqui, na minha nominata, mas não estão.

E dizer para vocês que faltam seis meses, a partir do dia 1º, Fernando, para terminar o nosso mandato. Eu não sei se até o dia 1º de janeiro nós vamos ter outra fotografia mais bonita do que essa para justificar a nossa



passagem pelo governo do Brasil. Porque o Brasil, historicamente, foi governado e pensado para atender uma pequena parcela da sociedade. Dava-se de barato que uma parte da sociedade tinha direitos e que poderia fazer curso de doutorado, de graduação, de mestrado, e que outra parte estava predestinada a terminar o ensino fundamental, com muito custo fazer o secundário, e com muito mais custo, ainda, arrumar um emprego. E havia quem pensasse... e era fácil a gente saber, a gente sabia pela origem social; não precisaria esperar nenhuma pesquisa do IBGE, porque a gente sabia em função da origem social, do salário e da renda da família, quem é que iria fazer o que neste país e, com raríssimas exceções, a gente tinha pessoas que conseguiam fugir à regra geral estabelecida durante séculos neste país.

Não é à toa que o Brasil, que é o maior país da América Latina, o mais importante, o mais rico, foi um dos últimos países a ter uma universidade. Houve um tempo em que quem quisesse se formar teria que ir até Coimbra, porque nós obedecíamos muito quem tinha nos colonizado.

Mas isso, depois da Independência, continuou. Vocês vão perceber na história do Brasil, vocês vão perceber presidentes da República que passaram por um mandato inteiro e que não fizeram uma única universidade. E os coitados da UNE gritando e se esgoelando: “Universidade pública e gratuita para todo mundo”, e não era feito. A verdade é que não era feito porque se criou o conceito, também, de que investir em educação era gasto.

Quando você vai fazer o Orçamento do governo federal, eu não sei se acontece na casa de vocês, quando recebe o pagamento, o pai ou a mãe se senta em torno de uma mesa para dizer o que vai pagar, o que é que tem, o que vai pagar, o que tem que comprar de novo. Se não houver uma definição de prioridade, o dinheiro vai pelo ralo e a gente não consegue fazer absolutamente nada, porque não é tudo que tem a mesma importância, você tem que definir o que é mais importante. Eu penso que foi correto nós definirmos a educação como uma coisa importante. E, creiam: nós estamos



muito longe de atingirmos o que nós precisamos fazer no Brasil para compensar os séculos que nós fomos esquecidos no investimento na educação. Portanto, nós estamos apenas no começo, mas é um começo importante.

Vocês vejam que, em oito anos, eu, o Fernando Haddad e o Zé Alencar já somos o Ministro da Educação, o Vice-Presidente e o Presidente que mais fizeram universidades federais neste país, e já somos o Vice-Presidente, o Presidente e o Ministro da Educação que mais fizeram escolas técnicas neste país. E eu falo com orgulho, porque quando as coisas acontecem erradamente os nossos adversários falam. Então, nós temos que falar com orgulho. E isso só aconteceu porque nós proibimos, no primeiro ano de governo, utilizar a palavra “gasto” quando fossemos falar de educação e instituímos, dentro do governo, que o dinheiro para educação deveria ser tratado como investimento, porque era o investimento que melhor daria retorno ao país, porque nós estávamos qualificando e preparando gente para colocar à disponibilidade do país inteligência, e não tem preço que pague isso. É por isso que, em 93 anos, todos os presidentes da República que governaram antes de nós fizeram apenas 140 escola técnicas, e nós, em oito anos, vamos entregar 214 escolas técnicas, ou seja, em oito anos, nós vamos entregar uma vez e meia tudo o que foi feito em um século.

E eu não falo isso com orgulho, porque eu acho que houve descaso com o Brasil. Houve descaso, porque este país foi governado por muita gente com diploma universitário, por muita gente que era advogado, que era professor, que era médico, que era empresário, que era fazendeiro. Portanto, eles sabiam do valor da educação, porque eles tinham recebido educação, mas me parece que não tinham nenhuma vontade de dar ao povo brasileiro a oportunidade que eles tinham tido de se formar.

Eu tinha uma inquietação que o Fernando Haddad resolveu ela com o ProUni. Eu tinha pedido para o ministro Walfrido, que era ministro do Turismo



na época, me fazer uma proposta para ver como que eu utilizaria o Fundo de Garantia para financiar bolsas de estudos para os alunos pobres da periferia. E foi dessa conversa com o Walfrido que, um dia, o Fernando Haddad entra na minha sala e fala para mim: “olha, nós...”, ele e o Tarso, “nós temos uma proposta, nós temos uma proposta”, e citou o nome da proposta: “Nós poderemos fazer um acordo com as universidades particulares, e o equivalente ao que teria de pagar de imposto a gente pode transformar em bolsas de estudos para as pessoas da periferia, normalmente, estudante de escolas públicas, uma parcela negra da população e também uma parcela indígena da população”.

No começo, nós tivemos problemas como disse o Fernando, como disse o companheiro da UNE, porque no Brasil tem um tipo de gente que acha que as pessoas não podem ter o mesmo direito que ele já teve. Eu lembro que no tempo de Perón, na Argentina, quando os pobres da Argentina começaram a ter ascensão e começaram a frequentar as boas praças, os ricos que frequentavam ficaram contra.

Eu lembro que, em São Paulo, em mil novecentos e quarenta e poucos, o governador Adhemar de Barros Filho fez, na cidade de Sertãozinho, uma escola de ensino fundamental na mesma qualidade da Escola Dom Pedro II, que tinha, me parece, em Ribeirão Preto, e a elite de Ribeirão Preto se revoltou, “porque não era justo fazer, em uma cidadezinha do interior, em uma comarca, uma escola da mesma qualidade da que tinha a elite de Ribeirão Preto”.

Assim o Brasil foi caminhando e ninguém se importando com isso. Quando o companheiro Fernando Haddad me convenceu de que esse Programa poderia ser uma revolução, nós enfrentamos esse segundo e maldito preconceito, que eu vou lutar até o último minuto da minha vida para ver se a gente derrota o preconceito, porque o preconceito é uma doença que está entranhada na cabeça das pessoas e que não é fácil a gente vencer os



preconceitos, é uma doença muito difícil. O preconceito e a inveja são duas doenças crônicas, que as pessoas pensam que não são doenças, Temporão. Precisa criar uma especialidade na Medicina: como curar a inveja e como curar o preconceito.

E qual era o preconceito? “Ah, o Lula vai rebaixar o ensino brasileiro, vai nivelar por baixo, porque trazer as pessoas da periferia para a universidade vai, vai... nós vamos ser um país em que os doutores serão menos doutores, os pesquisadores, menos pesquisadores, os médicos menos médicos”. E como Deus escreve certo por linhas tortas, no primeiro teste que foi feito pelo Ministério da Educação, em 15 áreas, os melhores alunos eram aqueles que tinham sido precocemente rejeitados por uma parte preconceituosa da elite brasileira. Isso é um motivo muito grande de orgulho.

Bem, eu confesso, Fernando, que eu tinha uma preocupação. Aliás, eu até te passei essa preocupação em Minas Gerais, de uma estudante negra que me dizia que ela estava sendo vítima de algumas gracinhas na escola em que ela estudava, porque era uma escola, uma universidade, de estudantes de um bom poder aquisitivo e que não se conformavam que ela estivesse, ali, estudando de graça. Isso também existe.

Como também existem coisas que nem eu resolvi e nem você recebeu. Eu te entreguei uma carta, um dia desses, que você ainda não me deu resposta, de uma... da PUC de São Paulo, de uma mãe que – acho que – por R\$ 20,00, R\$ 25,00 ou R\$ 30,00 o filho dela não conseguiu entrar no ProUni. E eu perguntei para o Fernando: Nós estamos calculando a renda bruta ou a renda líquida? Porque se a gente for descontar algumas coisas que as famílias pagam, eu acho que a gente poderia elevar um tiquinho de nada, essa renda para as pessoas poderem... porque a gente não desconta aluguel, não desconta previdência social, não desconta nada, e o salário bruto nem sempre é o salário que a gente leva para casa. Eu pedi para o Fernando fazer um estudo para ver se a gente consegue aumentar um pouquinho o potencial de



gente que possa chegar ao ProUni, porque é muito difícil fazer uma pessoa que ficou por R\$ 10,00 R\$ 15,00... Eu fui conversar, Fernando, eu fui tentar convencer o companheiro que é garçom no Palácio da Alvorada que queria que a filha dele entrasse no ProUni, e quando eu peguei o salário dele e comecei a falar que ela não tinha direito por isso, ele começou a falar: “Presidente, mas eu não levo todo meu salário para casa, Presidente. Desconta isso, desconta aquilo, o que eu levo é só isso, Presidente!”. Eu acho que nós poderemos tentar pelo menos deixar indícios de melhoramento disso para o próximo ano, quando tivermos um novo governo.

Eu comecei falando que a foto poderia ser essa. Essa, eu confesso para vocês, seria a foto da minha vida, vocês... Aliás, a imprensa, outro dia, eu fui, em São Paulo, nos catadores de papel, e foi a primeira vez que o BNDES emprestou R\$ 220 milhões para os catadores de papel. Imagina que coisa chique: um catador daquele de papel que, muitas vezes, a gente passa de carro e o despreza, que está fazendo a limpeza das coisas que nós sujamos e que, portanto, merecia o nosso respeito, nós criamos uma linha de crédito para ele – R\$ 227 milhões – para que ele possa... Fizemos um carrinho, em Itaipu, um carrinho elétrico que ele agora aperta um botãozinho, não precisa mais ficar puxando carroça. Ele vai andando nas ruas apertando uma “bateriazinha” e está funcionando bem. Pedimos para todos eles abrirem conta bancária para depositar o dinheirinho deles na Caixa Econômica Federal, e tudo isso, as pessoas não veem... alguns não veem com bons olhos, alguns não veem com bons olhos.

Então, eu queria pedir para os companheiros da imprensa que não interpretassem mal como vocês interpretaram quando eu pedi para vocês fazerem a matéria da vida de vocês entrevistando os catadores de papel, em São Paulo. Entrevistassem cada um... pegasse de forma aleatória, cada uma entrevistasse para ver o que ele tinha para contar da vida dele.

Eu acho que vocês poderiam, depois, entrevistar essa meninada...



poderiam entrevistar, porque essa meninada são filhos e filhas de brasileiros que estavam predestinados a não darem certo na vida, porque não tinham oportunidade. O problema não era apenas falta de dinheiro - porque tem muita gente que tem muito dinheiro e não consegue se formar nunca porque não quer... porque já vive por conta e na certeza de que não precisa aprender coisíssima nenhuma que vai ter a herança da mãe ou do pai e, portanto, vai viver por conta da herança. E tem essa meninada que se apegou a um Programa que estendeu a mão para ela e vai receber o diploma de médicos e médicas neste país.

Antes, a gente pensava que médico era só filho de rico ou japonês. Hoje, nós estamos percebendo que pode ser filho de classe média, classe média baixa, filho de gente pobre, negros, índios, mulheres e homens, como todos, como a companheira Sara. A Sara está aqui? Sara? Cadê a Sara? A Sara está aqui. Pois bem, Sara, você sabe que eu tenho a sua história para contar aqui.

A Sara, aos três anos de idade, decidiu que ia ser médica quando crescesse. Eu pensei que ia ser bombeiro, Sara. Minha primeira imagem do que eu queria ser na vida é que, quando eu vim de Pernambuco para cá, em 1952, em um pau de arara, no pau de arara que eu vinha, passou pelo meu caminhão um carro da Shell. Sabe aquele carro amarelo da Shell? Eu passei dez anos da minha vida achando eu ia ser motorista da Shell por causa daquele carro.

Então, a Sara, aos três anos, decidiu ser médica. Vinte anos depois, o que parecia um sonho de criança virou realidade, graças ao ProUni. A doutora Sara vai se formar no final deste ano, mas eu já quero me antecipar: nasceu em Xinguara, no Pará, filha do seu José Eduardo, que é trabalhador rural, e de dona Luzdalma, que é dona de casa. A infância seguia normal até que, aos três anos de idade, ela teve uma infecção óssea na perna esquerda. O tratamento foi longo e doloroso, Fernando: cirurgia, internação, gesso, injeções e a proibição de correr e brincar, como fazem todas as crianças do mundo. Mas



desse tempo ruim ficou uma lembrança boa. Ela guardou – para o seu orgulho, Temporão – ela guardou uma boa lembrança: a dedicação dos médicos que cuidaram dela com carinho e com competência, o que nem sempre acontece. Primeiro, no Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba, onde a família tinha parentes; depois, no Sarah Kubitschek, em Brasília, para onde vinha duas vezes por ano com os pais, viajando um dia inteiro de ônibus. Até que a família se mudou em definitivo para Brasília, em busca de uma vida melhor e de estudo para as três filhas.

Sara ficou livre da doença e cresceu dizendo que ia ser médica. Tentou duas vezes na UnB, todo mundo sabe da UnB, universidade pública, mas não teve sucesso. Chegou a fazer três vestibulares para Direito, em faculdades particulares, passou nos três, mas não adiantou, dizia a seus pais: “Eu vou fazer Medicina! Pode demorar 10 anos, pode demorar o tempo que for, mas eu vou ser médica”. Felizmente, não demorou tanto tempo. Se não fosse o ProUni, Sara talvez estivesse, até hoje, tentando realizar o seu sonho, isso porque ela certamente não teria como pagar as mensalidades de mais de R\$ 3, R\$ 4 ou até R\$ 5 mil em uma escola privada para fazer um curso de Medicina. Sara estuda de manhã... e à tarde. De manhã e à tarde, e trabalha à noite. E não sobra tempo para namorar, não?

No começo, acordava às 5h da manhã para pegar dois ônibus até a universidade. Com pena da sobrinha querida, os sete irmãos de sua mãe fizeram uma “vaquinha” e compraram um Celta usado, que de tanto uso acabou fundindo o motor. Certamente deveria ter colocado um pouco de óleo nesse motor, que não teria fundido. Os tios não desistiram e desta vez – e eu espero que todos vocês arrumem uns tios desses – compraram um Classic, zero km, financiado, com prestações que cabem nos sete bolsos.

Valeu o investimento. Sara é um dos destaques do curso de Medicina da Católica, vai se formar, vai fazer... Olha que loucura: vai se formar, vai fazer residência em cirurgia e vai tentar a Aeronáutica para salvar vidas onde for



preciso, seja em uma comunidade remota na selva amazônica, seja fazendo parte da Missão Brasileira no Haiti. Diz ela: “Nós provamos que somos capazes, basta ter oportunidade. Agora eu quero retribuir o que o Brasil fez por mim”. E eu digo, minha querida Sara, em nome do Brasil: muito obrigado por você e por todas essas meninas e esses meninos que vão ser médicos daqui a alguns dias.

Mas eu queria que vocês levassem em conta uma coisa que o Temporão falou: a Medicina é uma profissão nobre. Ela é nobre... tanto é que o médico, quando se forma, ele não pode deixar de tratar ninguém, mesmo que seja o inimigo. Dizem isso, que médico e advogado têm que ser assim, mas nem sempre é assim. O inimigo, se for rico, ainda se trata, mas se for pobre é difícil ter acesso a determinados departamentos.

Eu penso... se vocês não sabem, eu fui diretor do Departamento Médico do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Lidei com médico, portanto, conheço bem; lidei com dentista, conheço bem. Uma coisa que vocês não podem perder nunca: é justo que vocês ganhem dinheiro, é justo que vocês se especializem, é justo que vocês queiram fazer a residência em uma área que possa ajudar vocês a viverem mais dignamente, nada disso é proibido. A única coisa que é proibida é vocês deixarem de ser humanos no trato com o semelhante de vocês. Um paciente, quando ele entra doente, em um hospital, se ele encontra uma atendente no balcão de cara feia, ou por que é mal remunerada, ou por que brigou com o namorado, dependendo do jeito que ela fala com a pessoa que entrou com uma criança com asma no colo... Quantas vezes eu e Marisa entramos duas horas da manhã, o moleque quase sem respirar, e perguntávamos assim, Temporão: E o médico? “Ah, vou ver se ele está por aí”, e entrava lá para dentro, demorava para voltar e, quando voltava, o médico vinha mal-humorado, certamente porque ele estava descansando. Isso agrava a doença. Um tratamento humano, um tratamento carinhoso, um bom dia com um sorriso, uma pergunta “como vai?”, um passar



de mão no rosto de uma criança ou de um paciente é quase que 50% do sucesso da consulta.

Eu acho que a profissão de vocês é nobre, que vocês vão perceber o sofrimento quando alguém morrer na mão de vocês, que vai acontecer, e vocês vão perceber a alegria que vai acontecer com vocês quando vocês salvarem uma pessoa. Aí não importa se vai ser salva ou não, porque, muitas vezes, não depende só do conhecimento de vocês. O que é importante é que todas as pessoas que entrarem no consultório de vocês, todas – negra, branca, feia, bonita, bem vestida, mal vestida, descalço ou de sapato –, que vocês tratem com carinho e com amor, porque é para isso que você se formaram médicos e médicas.

Que Deus abençoe cada um de vocês e que vocês tenham o futuro que vocês merecem.

Um abraço e que Deus nos abençoe.

(\$211A)